



Triângulos Rosa: A diversidade memorial dos prisioneiros homossexuais no Holocausto

Pink Triangles: memorial diversity of homosexual prisoners in the Holocaust

Karen Pereira da Silva¹

Resumo: Este artigo explora as diferentes vivências de três homossexuais deportados para campos de concentração – Josef Kohout (austríaco, campos de Sachsenhausen e Flossenbürg), Pierre Seel (francês, campo de Schirmeck-Vörsbuck) e Rudolf Brazda (tcheco, campo de Buchenwald) – e como estes exerceram sua sexualidade nestes locais, e como a partir disso, foram inseridos numa complexa rede de hierarquia e poder que existiu neste contexto de situações-limite. Faremos esta análise a partir do conceito de diversidade memorial, utilizado pelo sociólogo Michael Pollak (1948-1992), demonstrando as diferentes experiências e percepções que as vítimas tiveram diante deste evento traumático, o que também acabou se refletindo em seus testemunhos.

Palavras-chave: homossexualidade, testemunho, Holocausto.

Abstract: This article explores the different experiences of three homosexuals deported to concentration camps - Josef Kohout (Austrian, Sachsenhausen and Flossenbürg camps), Pierre Seel (French, Schirmeck-Vörsbuck camp) and Rudolf Brazda (Czech, Buchenwald camp) - and how they exercised their sexuality in these places, and as from that, they were inserted in a complex network of hierarchy and power that existed in this context of limit situations. We will do this analysis from the concept of memorial diversity, used by the sociologist Michael Pollak (1948-1992), demonstrating the different experiences and perceptions that the victims had in front of this traumatic event, which also ended up being reflected in their testimonies.

Keywords: homosexuality, testimony, Holocaust.

Introdução

Josef Kohout, Pierre Seel e Rudolf Brazda possuem em comum o fato de terem sido homens *gays* deportados para campos de concentração, porém, por virem de diferentes contextos culturais e sociais e terem tido experiências concentracionárias diversas entre si – o que resultou em diferentes testemunhos e percepções acerca de suas perseguições e deportações, o termo aqui usado para referir-se a estes relatos é *diversidade memorial*. Segundo Michael Pollak e Natalie Heinich (2006) a diversidade memorial diz respeito à maneira como

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com período de mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra (UC), em Portugal.

cada ex-prisioneiro vivenciou sua experiência traumática e o quanto esta influenciou em seu testemunho - ou em sua decisão pelo silêncio. Segundo os autores, a decisão dos sobreviventes em relatar ou recusar-se a tal são influenciadas pelas “condições sociais que tornam comunicável, condições que evoluem com o tempo e que variam de um país ao outro” (POLLAK, HEINICH, 2006, p. 56). Cita-se o exemplo dado pelos autores:

Essa contradição se expressa na entrevista de uma sobrevivente do campo de Auschwitz-Birkenau que diz com alguns minutos de diferença: ‘no campo, dizíamos que era necessário registrar tudo e relatar tudo em nosso regresso’ logo evocando seu retorno: ‘a única coisa em que pensei foi em esquecer tudo e refazer minha vida’. Outro exemplo desta tensão constitutiva de muitos relatos de deportados: ‘creio verdadeiramente que é muito difícil relatar a deportação porque cada pessoa viveu uma coisa diferente, tão particular que é impossível transmiti-la’ (POLLAK, HEINICH, 2006, p. 55, tradução minha).¹

Tal problemática é bem visível nos testemunhos aqui estudados: Josef Kohout foi o primeiro a publicar suas memórias (sob pseudônimo), nos anos 1970; Pierre Seel tinha decidido esquecer tudo e viver uma vida heteronormativa até meados de 1980, quando tornou pública sua experiência traumática e por fim, o último deles, Rudolf Brazda, acompanhou a publicação dos testemunhos anteriores, mas só sentiu necessidade de contar sua história no fim de sua vida, em 2008. Todas estas histórias são perpassadas pela luta destes homens por reconhecimento, justiça e reparação, visto que o pós-guerra foi um momento conturbado para aqueles que sofreram com a perseguição nazista - principalmente para os homossexuais, visto que leis que criminalizavam a homossexualidade seguiram em vigor em diversos países europeus.

A questão da construção da memória do Holocausto, hoje tão presente em nossa cultura e imaginário, foi um processo longo e sensível, que demorou a consolidar-se, segundo demonstrou o historiador italiano Enzo Traverso (2012). Para ele, a primeira aparição pública da memória do Holocausto a nível mundial se dá por volta de 1960, com o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. A partir daí, com Israel travando sucessivos conflitos com os países árabes como a Guerra dos Seis Dias (1967), o Holocausto começa a ser utilizado por parte da comunidade judaica, de maneira aberta e política, como fator legitimador para a expansão e manutenção do Estado Israelense.

Porém, segundo ele, a consolidação na cultura popular ocorre de fato quando a minissérie estadunidense do canal NBC, *Holocaust*, vai ao ar, mais precisamente em 1978. Apesar das inúmeras críticas feitas acerca da veracidade e do rigor presentes nesta, nada impediu que a produção fosse um sucesso absoluto de audiência nos Estados Unidos. Segundo o autor: “A memória do genocídio conhece então [...] um processo de *americanização*, ou seja, entra na consciência histórica dos Estados Unidos, de *sacralização*, até se tornar numa espécie

¹Todas as traduções subsequentes neste artigo são de minha autoria.

de ‘religião civil’, com os seus dogmas (o seu carácter único e incomparável) e os seus ‘santos seculares’ (os sobreviventes transformados em ícones vivos).” (TRAVERSO, 2012, p. 77).

Até então, os sobreviventes judeus do Holocausto estavam na penumbra e ainda não haviam trazido seu sofrimento à tona. Conforme salientado também por Enzo Traverso, a vitória aliada no fim da Segunda Guerra foi para derrotar o nazismo, não para salvar os judeus (TRAVERSO, 2012, p. 73-74). Após o fim desta, todas as atenções estavam concentradas na tensão constante da polarização do mundo vivida sob a Guerra Fria (1947-1991). Michael Pollak também salientou este mesmo processo de silêncios em torno da memória do Holocausto:

Um motivo como a participação na Resistência era mais fácil de valorizar depois da guerra do que, por exemplo, ter sido preso numa *blitz* por ser judeu. Ou ainda, ter sido deportado por condenação de delito penal, por ter atuado no mercado negro. Há uma multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tornam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que podem ser a origem de conflito entre pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento e que, a priori, por terem elemento constitutivo comum em suas vidas, deveriam sentir-se como presentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória (POLLAK, 1992, p. 205).

Após a consolidação da memória do Holocausto, vimos este processo de disputa em torno da memória deste evento traumático concentrar-se majoritariamente nas vítimas judias, com os memoriais e museus ao redor de todo o mundo ter sido, durante muito tempo, extremamente seletivos com as vítimas que são ali representadas: “a escolha final de um memorial do Holocausto (e não de todas as vítimas do nazismo) expõe-se ao risco que ameaça toda e qualquer ‘memória forte’: o de esmagar as memórias mais ‘fracas’” (TRAVERSO, 2012, p. 83).

Somente a partir dos anos 2000 em diante é que tem havido um processo de “abertura” da memória do Holocausto, tendo produções acadêmicas e culturais diversas - como livros, filmes, peças de teatro e até mesmo museus - abordado as *outras* vítimas do nazismo: homossexuais, testemunhas de Jeová, ciganos, pessoas com deficiência etc. No que diz respeito aos homossexuais, que é o grupo que aqui nos interessa, os dois autores citados até então resumem sucintamente a problemática memorial em torno de seu trauma. Primeiramente, segundo Michael Pollak:

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação. Compreende-se por que certas vítimas da máquina de repressão do Estado - SS - os criminosos, as prostitutas, os "associais", os vagabundos, os ciganos e os homossexuais - tenham sido conscienciosamente evitadas na maioria das "memórias enquadradas" e não tenham praticamente tido voz na historiografia. Pelo fato de a repressão de que são objeto ser aceita há muito tempo, a história oficial evitou também durante muito tempo submeter a intensificação assassina de sua

repressão sob o nazismo a uma análise científica. (POLLAK, 1982, p. 13-14, grifamos²)

Este é acompanhado por Enzo Traverso, segundo o qual:

A memória homossexual apenas agora começa a exprimir-se publicamente. Durante décadas, as associações que representavam os homossexuais deportados para os campos de concentração nazis foram expulsas na militância das celebrações oficiais como portadoras de uma recordação vergonhosa e inominável. As leis que tinham permitido a sua deportação - o parágrafo 175 do código penal da República de Weimar - foram abolidas bem tardiamente no pós-guerra, quando um grande número de ex-deportados já tinha sido indenizado (TRAVERSO, 2012, p. 72-73).

Os primeiros despontamentos da memória acerca do sofrimento dos homossexuais sob o nazismo se deram com a organização do que hoje conhecemos como movimento LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros), que desde os anos 1970 vinha fazendo mobilizações pela revogação do Parágrafo 175³ na Alemanha e de outras leis discriminatórias em diversos países. Mesmo preocupados/as com as questões que perpassavam o movimento *gay* de então, foi dada atenção a este momento de opressão sofrido no passado. Neste sentido, o livro de memórias “*Die männer mit dem rosa winkel*” (Os homens do triângulo rosa, em tradução livre), testemunho do ex-prisioneiro deportado por homossexualidade Josef Kohout, uma das obras aqui analisadas, significou, segundo o historiador estadunidense Erik Jensen (2002), uma completa mudança de perspectiva dos ativistas do crescente movimento *gay* norte-americano das décadas de 70 em diante com relação à consciência de seu passado traumático. Esse fenômeno de resgate memorial para então transformá-lo em contexto de luta e identidade social é a “vingança dos pobres, dos oprimidos, dos desafortunados, a História daqueles que não tinham nenhum direito à História” (NORA, 2009, p. 8), segundo o historiador francês Pierre Nora. Ele complementa: “temos testemunhado a rápida emergência de todas as formas de memória no caso de minorias, para as quais a recuperação de seu passado é parte integral da afirmação de sua identidade.” (NORA, 2009, p. 8).

Desta época em diante, após muitas lutas, disputas e embates em torno da problemática questão da memória, hoje os homossexuais já são reconhecidos - não sem certa resistência de

²Todos os grifos subsequentes em citações deste artigo são de minha autoria.

³O Parágrafo 175, que condenava relações entre pessoas do mesmo sexo, esteve presente no Código Criminal Germânico desde a unificação do país em 1871. Em 1933, foi endurecido pelos nazistas, que deportaram para campos de concentração e extermínio todos aqueles que eram fichados por ‘sodomia’. No pós-guerra, seguiu em vigor, sendo que o texto dos anos 50 e 60 era o mesmo dos nazistas, que foi mantido pelas Alemanhas Oriental e Ocidental. Nos anos 70 a rigidez da lei foi atenuada, mas totalmente revogada somente em 1994. Em 2002, o Parlamento Alemão anulou todas as condenações do período nazista, mas somente em 2017 anulou todas as condenações pelo parágrafo, incluindo as do pós-guerra. No mesmo ano, finalmente foi estabelecida uma indenização para todos os condenados pela lei, porém, infelizmente tarde demais para boa parte das vítimas que faleceu sem ter qualquer tipo de reconhecimento ou pedido oficial de desculpas por parte do Estado alemão. Disponível em <<https://goo.gl/hiCb4o>>. Acesso em 08 de out. 2018.

alguns setores da sociedade - como vítimas do Holocausto. Porém, como foi anteriormente apontado por Enzo Traverso, mesmo com o reconhecimento, as memórias dos homossexuais e de outras minorias vítimas do nazismo permanecem *periféricas*, ou seja, com pouco destaque e atenção comparado às vítimas de maior expressão, os judeus. Um exemplo deste fato é o espaço que é destinado às vítimas homossexuais nos museus e memoriais do Holocausto pelo mundo, que geralmente restringe-se a uma pequena vitrine, enquanto que seus monumentos são separados daqueles em homenagem às vítimas judias.⁴

O testemunho de Josef Kohout

Josef Kohout nasceu em 24 de janeiro de 1915, filho mais velho dentre quatro em uma família burguesa e católica de Viena, Áustria. Conheceu seu primeiro amor na universidade, em 1938: um moço chamado Fred, filho de um oficial nazista de alta patente, que muito provavelmente acabou descobrindo as cartas de amor que Fred trocava com Josef, além de uma foto em que ambos posavam abraçados um ao outro. Esse material acabou chegando às mãos da Gestapo, que prendeu Josef. Na prisão, sofreu tentativas de abuso sexual de outros prisioneiros “comuns” (detidos por delitos como roubos, assassinatos etc.), que tentaram estuprá-lo seguidamente, visto que foi colocado em uma cela compartilhada.

No dia do julgamento, acabou sendo condenado a seis meses de prisão. Por ser filho de um alto oficial nazista, Fred não sofreu nenhuma condenação, tendo sido classificado no julgamento como ‘mentalmente perturbado’, ou seja, sem controle de suas ações: “nunca soube se a Gestapo também interrogou Fred, nem o viu no tribunal. Em juízo sempre se referiam a ele como ‘segundo acusado’, sem mencionar seu nome. “Desapareceu de minha vida, e nunca mais voltei a vê-lo.” (HEGER, 2016, p. 27).

Ao fim de sua pena, a Central de Segurança do *Reich* exigiu que permanecesse sob custódia para então aguardar um transporte coletivo para um campo de concentração. Tinha somente 24 anos quando chegou a Sachsenhausen, em 1940. Já no transporte para o campo, sofreu abusos sexuais dos prisioneiros que compartilhavam o mesmo vagão, que introduziram seus órgãos genitais à força em sua boca, repetidas vezes. Na chegada ao campo, recebeu o triângulo rosa, que reparou ser três centímetros maior que os demais triângulos, para que assim

⁴Um exemplo é a cidade de Berlim, onde está localizado o “Memorial aos Judeus Mortos na Europa” e o “Memorial aos Homossexuais Perseguidos pelo Nazismo”. Apesar de serem construções similares e remeterem ao mesmo período histórico e evento traumático, estão separados um do outro por 160m (aprox. 2 min de caminhada segundo o *Google Maps*).

os homossexuais pudessem ser melhor reconhecidos de longe. Além dos habituais insultos e pancadas que recebia ao ser identificado como homossexual, logo percebeu que deveria fazer o possível para manter-se longe da enfermaria, visto que os triângulos rosa eram os preferidos para serem submetidos aos experimentos médicos, dos quais praticamente nenhum saía vivo.

Josef acabou sendo designado para o trabalho de construção de um campo de tiro para a SS. Porém, os guardas não aguardaram o campo de tiro estar pronto para praticarem, e começaram a utilizá-lo com os prisioneiros trabalhando na obra. Os triângulos rosa eram os principais trabalhadores ali, e conseqüentemente, os que mais perderam a vida durante a construção, abatidos pelos tiros da SS. Em muitas ocasiões, prisioneiros que trabalhavam ao seu lado foram abatidos com tiros certos dos guardas. Porém, rapidamente veio a oportunidade para que pudesse sair do campo de tiro e escapar de uma morte certa. Como nos campos de concentração e extermínio havia a rígida separação entre prisioneiros de sexos diferentes, os prisioneiros notáveis, os *kapos*⁵, procuravam amantes entre seus próprios subordinados do sexo masculino:

Logo, um dos *kapos*, um verde, me ofereceu o trabalho para carregar os carrinhos de mão com terra, sem ter de levá-los ao campo de tiro, se me convertesse em seu amante e atendesse seus desejos sexuais. Assim minha vida não estaria na roleta russa do campo de tiro sob as balas da SS. Após um breve titubeio, aceitei a oferta: **minha vontade de viver era mais forte que qualquer compromisso moral com a decência e a integridade de caráter.** Que me condene quem quiser: a visão dos companheiros abatidos ou feridos no campo de tiro havia surtido um efeito demasiado grande em mim. Ademais tinha medo, um medo terrível. Por que não iria me aproveitar dessa oportunidade para salvar a vida, **mesmo que fosse me degradando como ser humano?** (HEGER, 2016, p. 55-56)

Esta foi a primeira experiência sexual de Josef Kohout em um campo de concentração, e nota-se que sua percepção acerca desta não é das mais positivas e elogiosas. Em meados de maio do mesmo ano, acabou sendo transferido para outro campo, descrevendo que a despedida de seu *kapo* foi breve, cordial e isenta de sentimentalismos - diferentemente de suas relações posteriores, que veremos a seguir. De sua parte, sentiu-se triste em deixar seu *kapo* apenas por estar perdendo as vantagens que obteve ao unir-se a ele:

Em certo sentido, lamentava-me de partir, visto que os últimos dias de minha vida tinham se tornado quase suportáveis graças às relações sexuais com meu *kapo*. Consegui-me furtivamente mais comida, e graças à sua ajuda me designaram a trabalhos mais rápidos e menos perigosos. A despedida de meu *kapo* foi breve e pouco

⁵Os *kapos* eram prisioneiros designados pela SS como chefes de barracão, no qual se encarregavam da ordem e da disciplina de um determinado grupo de prisioneiros. Era uma função de privilégio e os prisioneiros que a exerciam eram conhecidos pelo uso excessivo da violência, com raras exceções. O cargo era exercido majoritariamente pelos verdes (cor do triângulo utilizada pelos prisioneiros que eram criminosos ‘comuns’, como homicidas, estelionatários, assaltantes etc.) e em menor grau pelos vermelhos (políticos) e marrons (ciganos). Era praticamente impossível que os amarelos (judeus) ou rosas (homossexuais) chegassem ao cargo de *kapo*, pois eram consideradas as categorias mais baixas nos campos. Josef Kohout é o único triângulo rosa de que se têm documentado que chegou ao cargo de *kapo*.

emotiva. Nos apertamos as mãos, me disse que sentia por mim e eu lhe agradei. Havia terminado uma amizade de conveniência para ambos. (HEGER, 2016, p. 56)

O breve relacionamento de Josef com um *kapo* de Sachsenhausen lhe mostrou o quão vantajosas poderiam ser estas “amizades”, que se desenvolveram de maneira ainda mais intensa no campo para o qual foi transferido, Flossenbürg, aonde chegou em meados de junho de 1940.

O comandante do campo, descrito por Josef como uma “besta repugnante”, tinha nos triângulos rosa suas presas favoritas para todo tipo de torturas e humilhações. Toda e qualquer infração cometida por um prisioneiro homossexual, por mínima que fosse, era punida com açoites no “potro”, uma espécie de cavalo de pau onde o prisioneiro era amarrado de quatro com as nádegas nuas para receber dezenas de chicotadas. O comandante sempre fazia questão de estar presente nas sessões de tortura. Quanto mais o prisioneiro gritava, maior era sua satisfação:

O comandante não saiu em nenhum momento e contemplou a execução com interesse mais que evidente: cada vez que era dada uma chicotada, seus olhos se incendiavam, e ao cabo de uns quantos golpes todo o seu rosto estava vermelho de excitação e luxúria. Estava com as duas mãos dentro da calça e todos podíamos observar que estava se masturbando, sem tampouco se importar com nossa presença. (HEGER, 2016, p. 68)

Além das torturas e humilhações, o que era comum para os triângulos rosa, outra situação corriqueira se fez presente logo na chegada ao novo campo: os *kapos* em busca de amantes:

Um guarda nos conduziu ao nosso barracão, e uma vez ali, nos entregou ao chefe de bloco da SS. Este fez com que ficássemos de pé durante um bom tempo, enquanto um grupo de oito ou dez *kapos* se juntava ao nosso redor e nos examinava com detenimento. Eu já não era tão ingênuo para não saber o motivo de um grupo de notáveis nos observar desta maneira: buscavam novos amantes entre os recém-chegados. **Como eu não tinha muita barba** (mesmo a ponto de completar 25 anos) **e aparentava ser mais jovem do que era**, havia me recomposto um pouco graças às rações adicionais de comida que meu *kapo* de Sachsenhausen me conseguia, estava na mira dos *kapos*, que circulavam ao nosso redor. Dei-me conta de seu especial interesse pelos comentários abertos que faziam. Parecia que os cinco novatos haviam aterrissado no mercado de escravos da Roma antiga. (HEGER, 2016, p. 58-59)

Analisemos com mais atenção os trechos grifados da citação anterior: Josef se encontrava em vantagem de ser escolhido por não possuir barba e por ser jovem, o que o aproximava a uma condição vista como mais “feminina” pelos *kapos* que procuravam por amantes entre os recém-chegados. Veremos o mesmo padrão nos próximos relatos, onde a aparência afeminada de um prisioneiro jovem e considerado atraente era extremamente visada pelos “notáveis”.

Josef então aceitou prontamente o convite de um *kapo* alemão, um triângulo verde, notório por sua brutalidade com os prisioneiros, porém, no trato com seu amante homossexual,

era “bondoso e considerado”, segundo Josef. Graças ao seu relacionamento com o *kapo*, conseguiu um trabalho menos duro em um canteiro de obras dentro do campo. Ainda assim, descreve que o trabalho era árduo, e que não teria conseguido o suportar sem as rações suplementares de comida que seu *kapo* lhe conseguia. Porém, graças ao bom relacionamento que travou com seu amante, ele não tardou em lhe conseguir um posto melhor, e em duas semanas, Josef deixou o canteiro de obras para tornar-se secretário, sem mais passar por trabalhos braçais nem correr risco iminente de vida. O triângulo rosa pondera:

O único motivo pelo qual obtive o posto de secretário se deu porque havia superado o período de teste como amante do *kapo* do bloco, e ademais, sem chamar a atenção. O período de teste não consistia tanto no tempo mais ou menos prolongado passado na companhia íntima de meu amigo, mas sim no convencimento deste em meu silêncio e discrição. (HEGER, 2016, p. 64)

É importante reforçar que relações sexuais entre prisioneiros eram absolutamente proibidas dentro dos campos de concentração, ainda mais entre pessoas do mesmo sexo. As penas para quem fosse pego cometendo tal delito era a pena de morte. Porém, a SS possuía ciência dos relacionamentos travados entre os *kapos* e outros prisioneiros - nos quais os triângulos rosa eram os preferidos - mas faziam vista grossa, contando que houvesse máxima discrição acerca de tais relações. A SS não tinha interesse em exercer o trabalho sujo feito pelos *kapos*, de lidar diretamente com os prisioneiros, portanto, concediam esse “privilégio” a eles, com a contrapartida de que se mantivesse o resguardo.

Para os *kapos*, era vital manter esses relacionamentos resguardados não somente pelo decoro frente aos SS, mas também pelas rivalidades e disputas internas entre os prisioneiros notáveis dentro do campo. Os verdes eram os que mais exerciam postos de liderança nos blocos e barracões, mas sua hegemonia era ameaçada pelos vermelhos (políticos), que se valiam de qualquer deslize dos verdes para denunciá-los à administração do campo e assim conquistar os postos - e por consequência os privilégios - que antes eram destes. Josef descreve que os vermelhos o procuravam seguidamente perguntando sobre sua relação com seu *kapo*, com questionamentos do tipo: “é grande? fazem todos os dias? ele é carinhoso com você?” (HEGER, 2016, p. 65).

Ciente dessas artimanhas na disputa pelo poder entre os “notáveis”, Josef manteve máxima discrição acerca de seu relacionamento. Dava respostas vagas, do tipo: “Se queres tanto saber, por que não pergunta a ele? Não sei do que estás falando”. A lealdade do triângulo rosa ao seu *kapo* chegou aos ouvidos dele, afinal, as redes de solidariedade entre os verdes faziam com que logo soubessem das armadilhas dos vermelhos. Agradeceu-lhe conseguindo o cargo de secretário para seu amante, posto que era praticamente inalcançável para prisioneiros

homossexuais, visto que estes recebiam os piores trabalhos e o pior tratamento nos campos.

Josef recorda com carinho as palavras de seu *kapo*:

“És um pedaço, garoto - disse-me benevolente, me dando um tapa forte nas costas - gosto de você, e gosto mais ainda de ti por isso, embora eu prefira uma menininha⁶.”
Essa confissão de amor grosseira (...) me fez sentir certa alegria, e sobretudo, me deu a sensação de estar protegido. Desde esse dia me senti muito unido a ele. (HEGER, 2016, p. 66)

Essa foi a primeira ocasião em que o triângulo rosa e seu amante expressam certo sentimento um pelo outro. Primo Levi (1919-1987) em suas principais obras relata o processo de desumanização pelo qual as pessoas passavam ao adentrar em um campo de concentração e extermínio, onde sentimentos como solidariedade e amor eram praticamente impossíveis de existirem, devido às humilhações constantes impostas pelas condições extremas de sobrevivência, na qual os próprios oprimidos poderiam matar-se uns aos outros por um pedaço de pão. Porém, Josef e seus *kapos* de Flossenbürg desenvolveram um sentimento que transpassava a simples relação de conveniência, na qual através do uso de apelidos, gestos e confissões, expressavam um sentimento mútuo de carinho e proteção. Aqui também podemos pontuar uma questão sensível da experiência de Josef Kohout: o sentimento e o desejo por pessoas que eram conhecidas e temidas por sua crueldade e violência para com os demais prisioneiros, tidos por muitos como colaboradores do nazismo naqueles locais. Não é de surpreender que, na ocasião da libertação de muitos campos de concentração e extermínio, os prisioneiros partiram com violência contra os *kapos* que não conseguiram fugir. Este é, sem dúvida, um dos pontos mais sensíveis de seu testemunho.

Foi com este relacionamento que Josef chegou a um posto antes inacessível para triângulos rosa. Porém, teve que provar que o merecia, demonstrando adequar-se às regras de conduta estabelecidas informalmente pelos próprios prisioneiros. Inserir-se de maneira exitosa nas relações hierárquicas dentro dos campos poderia significar a diferença entre a vida e a morte, segundo Primo Levi:

E se alguém, por um milagre de sobre humana paciência e astúcia, encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie umas gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e respeitado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte,

⁶ É muito importante frisar que, mesmo mantendo relações sexuais com os triângulos rosa, os *kapos* não eram vistos como homossexuais, sequer como bissexuais - e pode-se aferir que muitos o eram. Só era visto como *gay* o homem que se deixava penetrar por outro. No contexto do campo de concentração, onde por muito tempo não havia mulheres, um *kapo* utilizar-se de sua posição para ter um amante homossexual era visto como uma situação excepcional justificável para saciar uma necessidade, não como indicativo de uma possível condição homossexual ou bissexual. Essas categorias de “homem” e “bicha” são muito bem discutidas por Peter Fry em seu trabalho antropológico intitulado “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: Para inglês ver - identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

e portanto será temido, e quem é temido é, só por isso, candidato à sobrevivência. (LEVI, 1988, p. 129)

A primeira relação de Josef em Flossenbürg durou vários meses, e rompeu-se com a promoção de seu *kapo*, que teve de transferir-se de bloco. Para não chamar a atenção, afinal, para encontrar seu amante, Josef teria de deslocar-se constantemente pelo campo, decidiram romper a relação, o que causou sofrimento ao triângulo rosa:

A última vez que mantivemos relações íntimas, ao despedir-se de mim, me explicou os motivos de nossa separação, e **eu me senti muito comovido e triste**. Ele, no entanto, me assegurou que sempre estaria agradecido por minha lealdade, e sobretudo por meu silêncio, **que seguiria me protegendo** e que **poderia contar em todo momento com sua ajuda. Romper com ele me resultou muito difícil**. (HEGER, 2016, p. 77-78)

O *kapo* cumpriu sua promessa e seguiu ajudando seu antigo amante mesmo após a separação. Em uma ocasião, muitos meses depois, Josef foi penalizado pelo comandante do campo - que não aceitava ver um triângulo rosa em posição de comando - a ser pendurado pelos dois braços em um poste, um tipo de tortura muito conhecido por matar os prisioneiros de forma lenta e agonizante. Prestes a ser içado, Josef foi salvo por seu antigo *kapo*, que interveio em seu favor.

Findado o relacionamento, não demorou muito para que outro *kapo* se interessasse em tê-lo como amante - ou melhor, outros, no plural. Ele relata como foi estabelecida a “transação de compra” dele entre os *kapos* que o disputavam:

Ele [antigo *kapo* de Kohout] havia lhes relatado que eu era discreto e também o quão boa era a experiência na cama, então três *kapos* me desejavam como amante e disputaram meus serviços [...] a disputa durou dois dias. Na noite do segundo dia, um *kapo* da minha brigada de trabalho me revelou que havia me comprado e seria meu próximo amante. Era um cigano húngaro, conhecido por todo o campo pelo seu exitoso comércio no mercado negro, tendo sempre dinheiro de sobra. Para conseguir ficar comigo a única coisa que fez foi subornar com dinheiro os outros dois pretendentes para que se retirassem do jogo e assim não surgisse nenhuma disputa entre eles [...] ele tinha lábios carnudos e olhos escuros, que ardiam em chamas quando fazíamos amor e se enchiam de ódio quando ficava com ciúmes - e sentia um ciúme imenso de qualquer homem que se aproximasse de mim. A cabo de uns poucos dias já estava loucamente apaixonado por mim e me conseguia qualquer desejo de roupa ou comida que sáísse de meus lábios. (HEGER, 2016, p. 78-79)

Apesar da linguagem utilizada pelo autor, que demonstra querer se sobrevalorizar em alguns momentos, o trecho anterior exemplifica a relação de poder e submissão destas “uniões”, na qual Josef foi comprado como se fosse uma mercadoria e agora era a posse de seu *kapo*.

O relacionamento com o *kapo* cigano, assim como o anterior, também foi muito bem sucedido. A brigada de trabalho à qual pertenciam foi transferida, durante algum tempo, para uma obra fora do campo, num hospital para a SS em Würzburg. Este hospital era administrado por freiras católicas, que ofereceram um tratamento completamente luxuoso para os

prisioneiros, que se sentiram numa colônia de férias. O decano do campo, ex-amante de Josef, se encarregou de que ele estivesse no transporte, para mantê-lo distante do comandante do campo que arrumava qualquer desculpa para torturá-lo. Seu *kapo* cigano também investiu por sua ida, desejoso de ter seu amante por perto. Sobre a estadia em Würzburg, o triângulo rosa descreve: “Posso dizer que passei uns dias bastante apreciáveis com meu *kapo* cigano, e noites bastante mais agitadas também.” (HEGER, 2016, p. 96).

Porém, o relacionamento não durou muito: poucas semanas após sua chegada, Josef foi chamado de volta a Flossenbürg, com a justificativa de que o secretário colocado em seu lugar não estava correspondendo ao esperado e o setor havia ficado completamente desorganizado. Mas, na verdade, foi uma artimanha de um *kapo* para tê-lo de volta sem seu amante cigano por perto e assim conseguir o triângulo rosa para si. Tratava-se de um dos dois *kapos* que haviam disputado o triângulo rosa com o cigano há pouco tempo atrás.

Sem ter seu amante por perto, não tinha como proteger-se das investidas do *kapo*, que poderia vingar-se caso rejeitasse suas investidas. Temendo por sua vida, aceitou tê-lo como seu novo amante. Claro, todos sabiam que o *kapo* cigano voltaria algum dia, e já corria a boca solta entre os prisioneiros notáveis que uma disputa entre os dois se travaria por causa do amante homossexual. Mas o retorno não foi como todos imaginavam: ele voltou após sofrer um acidente de trabalho na construção do hospital, ficando praticamente imobilizado. Josef entrou em desespero ao saber da situação e convenceu o *kapo* do campo, seu antigo amante, a visitar seu *kapo* cigano na enfermaria. Com muita resistência, visto que os SS poderiam suspeitar dessa ocasião, permitiu que fosse rapidamente visitá-lo, disfarçado como enfermeiro. O triângulo rosa narra com muito carinho a ocasião:

“Olá, Stefan. Podes me ouvir? Estou muito preocupado contigo”. Abriu os olhos, que brilharam de alegria ao voltar a me ver. Não podia falar. Ainda assim, minha visita surpresa lhe comoveu tanto que caíram as lágrimas. Queria acariciá-lo, mas como ele tinha as mãos e o torso enfaixados, juntei suas pernas e apoiei a mão em uma de suas coxas. Não deixou de me observar com os olhos chorosos pelos mais de cinco minutos que permaneci sentado a seu lado. Era evidente que queria me dizer algo, mas não podia falar, nem sequer mexer a cabeça. Ao ir embora, lhe dei um beijo de despedida na testa vendada e lhe disse: “Não posso ficar mais. Só quero assegurar que cuidaremos para que te recuperes. Os notáveis querem a todo custo que sobrevivias. Adeus Stefan, espero que te recuperes logo. E obrigado por tudo.” (HEGER, 2016, p. 98)

O *kapo* cigano sobreviveu, e depois de recuperado, voltou para Würzburg a mando do *kapo* do campo, que queria a todo custo evitar um duelo entre os *kapos* pelo triângulo rosa. Os arranjos feitos para evitar qualquer conflito também comoveram - e aliviaram - Josef. Por fim, seu antigo *kapo* cigano regressou ao campo findada a obra em Würzburg, mas, com o bordel funcionando dentro de Flossenbürg - discutiremos o fato mais adiante - encontrou lá uma prostituta cigana e não mais teve relações homossexuais. Porém, seguia sendo muito amável

com seu antigo amante: “quando me via sozinho, me dava um forte tapa na bunda e me dizia com voz profunda, com seu forte sotaque húngaro: ‘és louco, garoto!’.” (HEGER, 2016, p. 99).

Pouco tempo após o episódio, chegou ao campo um novo sargento da SS, que ficaria responsável pela brigada de trabalho da qual Josef fazia parte. Ao perguntar de maneira desdenhosa de onde este vinha, o triângulo rosa cometeu um deslize ao responder “Áustria”, e não “Marca Oriental”, como os nazistas haviam rebatizado o país após a anexação. Por isso, Josef foi condenado a três dias seguidos de solitária, sem luz, água ou comida e nem sequer poder movimentar-se. Quando chegou à carceragem, felizmente seu amante já havia subornado o *kapo* responsável, então pôde cumprir a pena numa cela comum, com água e comida. O notável também se encarregou de que a SS não lhe fizesse nenhuma “visita”, pois como o triângulo rosa pôde constatar, seus companheiros de infortúnio também presos ali, homossexuais como ele e que não possuíam nenhum “amigo”, não tiveram a mesma sorte, e foram torturados até a morte pelos nazistas, o que muito o impactou psicologicamente e novamente demonstrou a importância de se ter “amizades” dentro da hierarquia de poder no campo. Em seu terceiro e último dia de carceragem, o *kapo* do campo, seu primeiro amante, foi buscá-lo em pessoa. Notando a depressão que havia tomado conta de seu antigo companheiro, ele o consolou: “‘Não fique assim, garoto, acalme-se. Acredite em mim, em breve chegará o dia em que pagarão por tudo que estão nos fazendo. E quanto ao novo bastardo SS da tua divisão, deixe que eu cuido dele [...]’, disse-me. Logo me deu um beliscão no bumbum e se despediu’.” (HEGER, 2016, p. 112).

Como *kapo* da secretaria da fábrica de armamentos do campo, visando uma melhor integração de seus subordinados ao trabalho - cuja grande maioria era composta por prisioneiros poloneses⁷ -, Josef substituiu as listas de checagem, anteriormente em alemão, por sistemas de numeração, que eram entendidos por prisioneiros de todas as nacionalidades. Graças ao novo sistema que desenvolveu, a organização tornou-se mais eficiente e a produtividade subiu. O sistema deu tão certo que chegou ao conhecimento de Albert Speer, ninguém menos que o ministro do armamento do *Reich* e arquiteto-chefe do regime nazista, que rapidamente mandou implementá-lo em todos os campos de concentração. Então, Josef foi promovido ao posto de *kapo* da fábrica de armamentos, o único triângulo rosa de que se tem notícia que chegou a tal patamar, visto que aos homossexuais e também aos judeus estava vedado qualquer privilégio deste tipo. Obviamente, o comandante SS do campo, que muito odiava os homossexuais - e em

⁷ Os prisioneiros poloneses subordinados a Josef eram todos amantes de outros *kapos*, e só estavam naquele trabalho graças aos “amigos” que possuíam. Josef sublinha que nenhum deles era triângulo rosa - e provavelmente nenhum era homossexual. Porém, eram jovens e atraentes - e queriam sobreviver.

especial a Josef, que agora era um notável - ficou furioso com a promoção, mas nada podia fazer, pois até Heinrich Himmler, havia dado em pessoa ordens expressas de que se preservasse tal prisioneiro (note-se que Himmler também odiava aos homossexuais e era grande partidário de seu extermínio). Não havia alternativa a não ser deixar o triângulo rosa em paz, e finalmente Josef esteve livre das perseguições, ameaças e humilhações, pelo menos em sua frente. Aos seus subordinados da SS, o comandante do campo continuava referindo-se a ele como “o *kapo* puto e veado, com a graça de Himmler” (HEGER, 2016, p. 136).

Como agora era um notável e tinha o resguardo dos mais altos dignitários nazistas, não precisava mais ser amante de nenhum outro *kapo* - na verdade, um relacionamento entre *kapos* não seria bem visto. Portanto, estava livre para, pela primeira vez, escolher e não ser o escolhido: “comecei a me relacionar com outro prisioneiro alemão, um triângulo rosa assim como eu; desta vez, não se tratava de uma relação de conveniência, era autêntica, baseada na compreensão e confiança mútuas. Íamos às mil maravilhas e fomos muito felizes, todo o feliz possível que se possa ser em um campo de concentração.” (HEGER, 2016, p.124).

A partir de 1943, uma série de revoltas eclode nos campos de extermínio no leste – Auschwitz, Chelmno, Sobibor e Treblinka. Não era segredo para os prisioneiros que a guerra ia de mal a pior para a Alemanha, e visto a aceleração do processo de extermínio dos judeus com a chamada “Solução Final” imposta pelos nazistas, visando liquidar com o máximo possível de seres humanos até o fim do conflito, os prisioneiros destes campos decidiram se rebelar bravamente, mesmo sabendo que morreriam lutando. Visando “acalmar os ânimos” e criar uma distração para os prisioneiros, inúmeros bordéis começam a surgir nos campos de concentração, como no de Flossenbürg. Prisioneiras judias e ciganas vindas do campo feminino de Ravensbrück chegavam para se prostituir forçadamente com a promessa de que, ao fim de 6 meses, seriam libertadas, quando na verdade foram transportadas direto para as câmaras de gás de Auschwitz e substituídas por novas prisioneiras.

Josef explica com assombro que até os prisioneiros a ponto de morrer, fatigados com a fome e com os trabalhos forçados, fizeram fila em frente ao bordel no dia de sua inauguração. Por ordem de Himmler, todos os triângulos rosa eram obrigados a frequentá-lo, como uma espécie de “cura gay”. Portanto, os prisioneiros homossexuais que não tivessem sido castrados pelos experimentos médicos deveriam ir ao bordel, sempre vigiados pelos guardas, certificando-se de que estavam cumprindo as ordens. Josef relatou ter ido três vezes, e o quão traumáticas foram as experiências. Valendo-se de seus privilégios como *kapo*, logo conseguiu burlar a obrigatoriedade, assinando a lista de frequência, mas mandando outro prisioneiro em

seu lugar. Ele também relata que, mesmo com o bordel funcionando ativamente, muitos dos *kapos* mantiveram seus amantes do mesmo sexo.

Este é um ponto sobre o qual podemos levantar algumas reflexões: enquanto alguns *kapos* não mais tiveram relações homossexuais após o início das atividades do bordel, como o *ex-kapo* cigano de Josef, por que outros mantiveram seus amantes consigo? Josef cita duas possibilidades: 1) a aparência mais “humana” que os amantes possuíam em comparação às prisioneiras forçadas à prostituição, que tinham um aspecto famélico e fatigado, além de terem os corpos sujos e roxos, tomados de marcas de agressão; 2) uma maior “naturalidade” nas relações com os amantes do mesmo sexo em contraposição com as que ocorriam no bordel: estima-se que uma prisioneira, no período de 6 meses de trabalho, tinha até duas mil relações sexuais. Josef narra que a mulher recebia o prisioneiro já de pernas abertas, exigindo para que terminasse logo. O triângulo rosa se questiona como alguém poderia encontrar prazer e alívio naquela situação. Portanto, se imaginam alguns dos motivos que levaram alguns “notáveis” a manterem seus amantes do mesmo sexo mesmo com o funcionamento do bordel no campo, pois como já foi visto anteriormente, não era incomum que surgisse uma espécie de sentimento entre os dois homens envolvidos.

Josef consegue sobreviver até a libertação do campo por tropas estadunidenses em 1945, e retorna pra casa, em Viena, onde reencontra sua mãe. No ano seguinte, conhece um novo parceiro, com quem permaneceu até seu falecimento, em 1994. Hoje, possui uma praça na capital austríaca em sua homenagem.

O testemunho de Pierre Seel

Pierre Seel nasceu em 16 de agosto de 1923 numa abastada e conservadora família de Mulhouse, cidade francesa da região da Alsácia. Em Mulhouse havia um ponto de encontros muito conhecido da burguesia local que desejava relacionar-se homoafetivamente: a Praça Steinbach. Teve assim suas primeiras experiências amorosas e uniu-se a outro rapaz, chamado Jo, com quem viveu momentos muito felizes.

Após uma de suas visitas à Praça Steinbach, Pierre notou que seu relógio, um presente dado por sua madrinha, havia sido furtado. Entrou em desespero: como explicaria aquilo? Sem dúvida dariam falta do objeto. Visando embasar uma boa justificativa, resolveu ir à delegacia de polícia da cidade dar queixa do crime. Ao chegar lá, o policial o recebeu e começou a fazer perguntas do ocorrido. Porém, ao unir o lugar onde se encontrava e o horário em que estava ali, logo percebeu o que ele havia ido fazer lá. O policial o confrontou e humilhou, fazendo-o chorar

de vergonha. Com a promessa dele de não mais ir àquele local, o policial prometeu manter sigilo. Pouco tempo depois, Pierre já havia esquecido o incidente, porém, não sabia que o policial havia incluído seu nome no ficheiro de homossexuais da cidade.

Em 1941, com a invasão da Alemanha pela França, a Gestapo se apoderou de todas as listas e fichas policiais do país, inclusive as que registravam os homossexuais. É importante frisar que estas “fichas de homossexuais” eram ilegais, visto que ao contrário da Alemanha, na França a homossexualidade não era crime - só passará a ser em 1942, com as leis de Vichy. Ciente do “crime” cometido por Pierre, mesmo tendo sido anterior à ocupação alemã, a Gestapo o convocou a comparecer ao quartel-general da cidade. Após ser torturado por dias consecutivos, quando o estupraram com um pedaço de pau que chegou a perfurar seu intestino - os sangramentos decorrentes da tortura seguiram por quase toda sua vida - foi deportado para o campo de concentração de Schirmeck-Vörsbuck.

Chegando lá, foi identificado como homossexual com uma barra azul em seu uniforme de prisioneiro - em Schirmeck, ao contrário de todos os outros campos de concentração e extermínio do Terceiro Reich, não se utilizava o famoso triângulo rosa. Porém, a diferença na identificação não abrandou o sofrimento que passou no campo: “Eu não fazia parte de nenhum dos grupos de solidariedade. Com minha barra azul, rapidamente decifrada por meus companheiros de infortúnio, não tinha nada que esperar deles: o delito sexual é uma carga adicional na identidade carcerária.” (SEEL, P.; BITOUX, J. L., 2017, p. 40). Ao contrário de Josef Kohout, Pierre Seel relata não ter recebido ofertas para tornar-se amante de algum *kapo*, o que inclusive parecia temer:

Por estar entre os mais jovens do campo, temia que as atenções se concentrassem em mim. Nas pausas do trabalho me esforçava em não falar com ninguém e me encerrava em uma desesperada solidão sob a qual não passava **nenhum desejo sexual. A ideia mesmo de desejo não tinha nenhum lugar naquele espaço. Um fantasma não tem nem fantasia nem sexualidade. Tínhamos de estar só no meio de todos.** Nos raros momentos em que podíamos nos observar em silêncio, via alguns dos que estiveram no transporte para o campo, mas eram muito difíceis de reconhecer, dada nossa ridícula vestimenta, nossos crânios raspados e nossa silhueta famélica, que **borravam nossa idade e nossa identidade.** (SEEL, P.; BITOUX, J. L., 2017, p. 41).

Aqui temos bastante perceptível a diversidade memorial dos triângulos rosa: as experiências de Josef Kohout e Pierre Seel são completamente opostas uma à outra, o que demonstra o quão diferentes poderiam ser as vivências dos deportados homossexuais de acordo com o campo e todo o contexto no qual se travavam as relações de poder e hierarquia. Pierre Seel também era jovem e considerado atraente como Josef Kohout (note-se aqui também a marca da jovialidade como aspecto positivo, o que demonstra que triângulos rosa de idades mais avançadas não tiveram as mesmas “vantagens” dos mais jovens), mas isso não significou

nenhum benefício para si: ele não conseguiu escapar dos experimentos médicos, para os quais os prisioneiros homossexuais eram as cobaias preferidas:

Aterrorizava-me cada vez que os alto falantes anunciavam meu nome, porque às vezes era para praticar sobre mim monstruosidades experimentais. A maior parte do tempo consistia em injeções muito dolorosas no peito. Recordo-me muito bem das paredes brancas, dos jalecos brancos e das risadas dos enfermeiros. Éramos uma meia dúzia, com o torso nu e alinhados contra a parede. Para realizar suas injeções, gostavam de lançar as seringas em nossa direção como se lançavam dardos de tiro ao alvo. Em um dia de sessão de injeções, meu desafortunado vizinho caiu ao chão, perdendo os sentidos. A seringa havia atingido seu coração. Nunca mais voltamos a vê-lo. (SEEL, P.; BITOUX, J. L., 2017, p. 43)

Outro acontecimento extremamente traumático para Pierre foi quando seu primeiro amor, Jo, chegou ao campo e foi devorado pelos pastores-alemães dos guardas nazistas em frente a todos os prisioneiros. Não é de surpreender, portanto, que este não sentisse impulso sexual, mesmo como instinto de sobrevivência. Sua experiência assemelha-se a de Primo Levi, que em suas obras já referenciadas anteriormente, descreve um sentimento muito similar de solidão e vazio propiciados pela desumanização e crueldade dos campos de concentração/extermínio.

Vale a pena citar que, o mesmo Primo Levi, em sua obra “É Isto um Homem?”, ao descrever quais prisioneiros possuíam as maiores chances de sobrevivência, cita como potenciais candidatos os “homossexuais jovens e atraentes” (LEVI, 1988, p. 131), deixando implícito o motivo da sobrevivência destes. Para Arosa e Penna (2017), no trecho de Levi descrito anteriormente, “o homossexual não é citado como parte de um grupo de vítimas do campo de extermínio-concentração, é mencionado apenas de forma no mínimo irônica, ao se ler que homossexuais belos e jovens [...] se utilizaram e se aproveitaram de seus corpos como moeda de troca.” (AROSA G. V.; PENNA, J. C., 2017, p. 16). Primo Levi não observa a diversidade de experiências dos triângulos rosa, onde poderiam existir, sim, prisioneiros que conseguiram valer-se de artifícios do gênero visando sua sobrevivência, mas também outros que, assim como ele próprio, se sentiram completamente anulados enquanto seres humanos na rotina de um campo de concentração, incapazes de sentir qualquer desejo ou sentimento de cunho amoroso e/ou sexual. Percebe-se também que Primo Levi somente cita os prisioneiros homossexuais neste momento em especial, durante toda sua obra. No restante de sua literatura, elenca como prisioneiros dos campos somente os judeus, os políticos e os infratores criminais, majoritariamente.

No final de 1941, sem maiores explicações, Pierre foi libertado do campo. Por ser alsaciano, ele era considerado cidadão alemão, visto a Alsácia ser uma região tida como alemã pelo Terceiro Reich. Porém, foi obrigado a passar por uma nova provação: sendo cidadão

alemão, foi convocado pela *Wehrmacht* para prestar serviço militar como um *Volksdeutsche*, termo que designava pessoas de etnia ou origem germânica que viviam fora da Alemanha em si. Prestou diversos serviços às Forças Armadas, desde um centro *Lebensborn*⁸ na Áustria até o combate na frente russa, onde quase foi morto pelo exército soviético.

Desertou da frente russa e conseguiu retornar para casa novamente, onde encontrou seu país já livre. Com a homossexualidade ainda sendo crime na França, e muito constrangido com os olhares e comentários feitos ao seu respeito no ambiente familiar e local, decide se casar com uma moça parisiense e assim vão viver longe de Mulhouse. Tem com ela três filhos, porém, o passado custa a passar: “a verdadeira liberação era para os outros” (SEEL, P.; BITOUX, J. L., 2017, p. 79). Divorciou-se, tornou-se alcoólatra e chegou a viver nas ruas. Após prestar seu primeiro depoimento público acerca de sua deportação, começou a recuperar-se. Conheceu seu companheiro, Eric Feliu, com quem esteve unido por 12 anos. Juntos possuíam uma criação de cães em Toulouse, conseguindo assim superar o medo que tinha de cachorros após a morte de Jo. Faleceu em 2005. Atualmente, há memoriais em sua homenagem em Mulhouse e Toulouse.

O testemunho de Rudolf Brazda

Rudolf Brazda nasceu em 26 de junho de 1913, em Meuselwitz, na Alemanha, filho de pais tchecos originários da região da Boêmia que haviam emigrado em busca de melhores oportunidades de trabalho. Foi criado de maneira alemã pelos pais, que falavam somente em alemão com os filhos, fazendo de tudo para integrar-se ao novo país. Sendo assim, cresce sem aprender sequer uma palavra em tcheco.

Após repetir um ano, decide abandonar a escola aos 14 anos para aprender um ofício. Com a pequena remuneração que recebia, mais um benefício social por ter baixa renda que ganhava da cidade em que vivia, conseguia bancar suas idas a cafés, bares e bailes com as muitas amigas femininas que possuía. Foi em visitas a esses locais que conheceu um jovem loiro e afeminado como ele, chamado Werner.

Pouco tempo depois, Rudolf e Werner já estão morando juntos, e seu círculo social de amigas se expande, formado por homens e mulheres da mesma orientação sexual. Estes se divertem jogando cartas e discutindo frivolidades. A vida parecia feliz e despreocupada, porém,

⁸O *Lebensborn* era um programa de reprodução forçada idealizado por Heinrich Himmler para produção de crianças arianas e saudáveis para o Terceiro Reich. Pierre Seel ficou muito confuso ao ser mandado para lá, visto que não era loiro e não possuía nada de “ariano” - e com certeza conheciam sua ficha contendo seu “crime de sodomia”. Teria sido uma tentativa de “cura na prática” similar à que ocorreu com Josef Kohout? Acaba não permanecendo lá por muito tempo, tendo sido requisitado para frente russa com as inúmeras baixas alemãs.

as coisas começam a mudar. Com o endurecimento do Parágrafo 175, levado a cabo pelos nazistas logo em sua chegada ao poder, a polícia passa a investigar pessoas suspeitas de infringirem a lei. Assim começa o “efeito dominó”: as pessoas presas são pressionadas e torturadas a denunciarem outras, e assim sucessivamente. Toda e qualquer prova encontrada com essas pessoas e/ou em suas casas - como cartas, por exemplo - são imediatamente confiscados e analisados, pois podem apontar para outros suspeitos.

Obviamente, não demora para a polícia chegar até Rudolf e Werner, visto que ambos possuíam uma movimentada vida social e seu círculo pessoal era muito extenso. Os policiais chegam até as duas moças lésbicas que frequentavam o apartamento de Rudolf e Werner, e uma delas confessa que ambos são homossexuais, dividem o mesmo quarto e beijavam-se na boca na frente de todos. Os policiais já não têm mais nenhum impedimento para processar e julgar Rudolf, assim como Werner, sob o Parágrafo 175.

Rudolf é preso, processado e condenado a 6 meses de prisão. Por ser um estrangeiro que infringiu as leis alemãs, é expulso do Reich, não restando alternativa a não ser emigrar para Tchecoslováquia, país do qual é cidadão. Por não falar tcheco, decide fixar residência em Karlsbad, região de fortes raízes alemãs. Quanto a Werner, o processo sem dúvida significou uma ruptura. Nunca mais teve contato com seu companheiro, que muito provavelmente deve ter sofrido alguma punição militar, visto que este servia na *Luftwaffe*, a força aérea nazista.

Chega a Karlsbad no início de 1938. No fim do mesmo ano, a província tcheca - conhecida como Sudetos pelos alemães - é incorporada pela Alemanha Nazista, fazendo então parte do Terceiro Reich e adotando sua legislação, o que inclui, obviamente, o Parágrafo 175. Não tarda muito para que polícia monte uma “teia de aranha” idêntica à qual o levou à prisão na Alemanha. Segue-se um segundo processo, no qual Rudolf, diante das provas incontestáveis contra si, se vê obrigado a confessar seus “crimes”. É sentenciado a um ano e dois meses de prisão. Em 1942, prestes a ser libertado, sua custódia é reivindicada pela polícia de Karlsbad, informada pela iminência do fim de sua pena.⁹ Passa de prisão em prisão até agosto do mesmo ano, quando é por fim colocado em um transporte em vagão de gado com destino ao campo de concentração de Buchenwald.

Ao chegar lá, Rudolf recebe o famigerado triângulo rosa, que o identifica como homossexual. Como não é de surpreender, é designado para trabalhar na pedreira, que havia a

⁹ Processo idêntico ocorreu com Josef Kohout: chamada de *Schutzhaft* (em português “custódia protetiva”) era uma diretriz dada por Heinrich Himmler, a partir de 1940, segundo a qual toda e qualquer pessoa que significasse uma “ameaça” à população ariana deveria permanecer sob a custódia do Estado, para, por fim, ser enviada aos campos de concentração.

fama de liquidar com os prisioneiros em poucos dias, devido ao ritmo extenuante de trabalho e a crueldade dos *kapos* que supervisionavam o trabalho, em especial um deles, chamado Herzog, que parecia ter prazer em praticar os mais diversos tipos de tortura para com os prisioneiros subordinados a ele. É claro que Rudolf não passa despercebido a este *kapo*, porém, de uma maneira peculiar:

Herzog reparou em Rudolf e, por mais incrível que isso possa parecer, o *Kapo* da pedreira se afeiçoou por ele, **não sem perceber o leve jeito afeminado de Rudolf** [...]. Apesar dos riscos, o jovem, sob o pretexto de fadiga e medo de ser machucado, ousa repelir as investidas do *Kapo*. **Surpreendentemente, não há represálias**. Ao contrário, Herzog designa Rudolf para uma tarefa menos árdua, muito provavelmente no outono de 1942. Ele o nomeia enfermeiro do barracão da pedreira, onde são feitos os primeiros socorros aos acidentados. Trata-se de cuidados simples - desinfecção e curativos - dispensados aos detentos que se feriram por causa de um movimento em falso ou foram atingidos pela queda de pedras. (SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R., 2011, p. 119-120)

“Surpreendentemente, não há represálias”. É importante reforçar novamente esta frase, que parece ter surpreendido também o escritor da obra. Os convites dos *kapos* aos triângulos rosa geralmente não eram recusados, visto o grande poder que estes prisioneiros tinham sobre a vida dos demais detentos. Quando contrariado ou desobedecido, um *kapo* poderia condenar um prisioneiro à morte de diversas maneiras, seja por espancamento ou até mesmo designando-o para o pior trabalho possível, que poderia matar um prisioneiro em apenas um dia. O *kapo* Herzog, citado anteriormente, impunha um dilema aos prisioneiros que mais odiava, nomeadamente, os judeus: arrancava os bonés de suas cabeças e os lançava além dos limites permitidos pela SS para o trânsito de prisioneiros no campo, em frente à linha de tiro das sentinelas nas casamatas e torres de observação. Qualquer um que cruzasse o limite era imediatamente abatido pelos guardas. O prisioneiro desafortunado, então, deveria fazer uma escolha: ir buscar o boné e ser abatido pela SS, ou retornar ao barracão com o uniforme incompleto, sendo espancado pelos guardas no “potro”, que poderia incapacitá-lo para o trabalho e levaria a uma morte lenta na enfermaria. A escolha era morrer imediatamente ou morrer agonizando.

Rudolf Brazda recusou o convite para ser amante de um dos *kapos* mais cruéis de Buchenwald e... nada aconteceu. Um golpe de tremenda sorte e muito incomum na história dos triângulos rosa. Relembrando o testemunho de Josef Kohout, este justificou seus inúmeros casos com os *kapos*, em primeiro lugar, por temer por sua vida, pois estes poderiam vingar-se dele em represália. A recusa de Rudolf Brazda é, portanto, pouco habitual, até mesmo pelo fato do *kapo* Herzog ter recompensado o triângulo rosa, mesmo sem ter o que queria, o que demonstra certa afeição presente em uma pessoa que aparentemente não tinha nenhum sentimento de compaixão para com os prisioneiros. A diversidade memorial dos prisioneiros

triângulos rosa encontra, assim, mais um testemunho da vivência enquanto ser homossexual em situações limite. Rudolf não deixa claro ao seu entrevistador se chegou a ter relações homoafetivas no campo, mas deixa subentendido que estas ocorreram, apesar de não ser rico em detalhes: “Para Rudolf, prestar os favores sexuais exigidos pelo mais velho não agrada sua sexualidade, mas é um mal necessário: ‘a pulsão está lá, ainda que não haja sentimento’.” (SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R., 2011, p. 135). Rudolf, assim como Josef, reconhece que é privilegiado por ser jovem e possuir uma aparência afeminada¹⁰, o que cativa e atrai os *kapos*. Se fosse mais velho e não tão atraente, muito provavelmente não teria tido a mesma sorte.

Em seu relato, vemos muitas semelhanças com o testemunho de Josef Kohout, com quem o próprio Rudolf se identifica muito. Em Buchenwald, também havia um guarda nazista que tinha o prazer de se masturbar ao ver espancamentos no “potro”, a quem os prisioneiros apelidaram de “Tia Anna”. E, a exemplo do que também ocorreu em outros campos, em 1943, Buchenwald teve um bordel com prisioneiras vindas do campo de Ravensbrück. Ao cruzarem com ele em um de seus intervalos em que podiam caminhar pelo campo, estas comentam entre si ao verem seu triângulo rosa: “Olhem, nosso concorrente!” (SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R., 2011, p. 136).

O campo é libertado por tropas estadunidenses em 1945 e Rudolf segue rumo à França, país que elege para começar uma nova vida. Nos bailes noturnos da cidade alsaciana de Mulhouse (quem diria, a mesma da qual Pierre Seel era oriundo), é que conhece o novo amor de sua vida, Edi, nos anos 1950. Ficará com ele até a morte de seu parceiro, em 2003. Rudolf Brazda faleceu em 2011, sendo até esta data o último sobrevivente homossexual dos campos de concentração de que se tem notícia.

Considerações finais

Após o fim da guerra e por muitos anos subsequentes, os sobreviventes homossexuais dos campos de concentração delegaram suas experiências ao plano do não dito, criando uma *gestão do indizível* – para nos valermos de outro conceito cunhado por Michael Pollak. Segundo o autor, este é um fato recorrente entre os sobreviventes dos campos de concentração e extermínio. A partir de uma entrevista com uma judia sobrevivente de Auschwitz, que Pollak identifica com o nome fictício de Ruth A., este problematiza a questão de que o testemunho ou

¹⁰ “Ele mede pouco mais de um metro e sessenta, tem belos cabelos castanho-claros, meticulosamente ondulados, e um rosto rosado, no qual brilham belos olhos azuis; ele pode parecer um pouquinho afeminado.” (p. 23).

o silêncio de um sobrevivente é, em grande parte, condicionado pelo ambiente e pelas condições sociais em que tal pessoa se encontra no pós-guerra:

O silêncio sobre si mesmo – diferente do esquecimento – pode ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção de uma comunicação com o meio ambiente [...] as dificuldades e bloqueios que apareceram ao longo da entrevista não eram nunca casos de falta de memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e de transmitir sua história. (POLLAK, 2010, p. 45)

No caso específico de Ruth A., a presença do opressor em seu círculo profissional e social foi um fator que retardou seu testemunho, corroborando a tese de Pollak sobre a influência do ambiente:

Ruth tem a ocasião de vivenciar isso: o chefe da administração do bairro onde ela se ocupa das indenizações de deportados é um antigo membro da Waffen-SS. E quando, um dia, o silêncio habitual entre aquele do qual o passado não tem nada de secreto e aquela que a tatuagem marca para sempre se rompe, Ruth deve engolir essa frase da parte de seu chefe: “Mas enfim, se as pessoas, e também você, sobreviveram, isso não devia ser tão terrível assim”. (POLLAK, 2010, p. 42)

Para os sobreviventes homossexuais, há uma dupla gestão do indizível: a identidade homossexual e a identidade de ex-prisioneiro de campo de concentração. Os três testemunhos aqui analisados vão ao encontro à tese de Pollak:

As entrevistas mais abertas confirmam: a homossexualidade continua sendo, em termos exatos, ‘indizível’. Mesmo nas famílias que aceitam a homossexualidade do filho ou do irmão, um contrato tácito relega esse tema de conversa ao plano do não dito (POLLAK, 1990, p. 26).

Ao contrário dos demais grupos de sobreviventes, os homossexuais continuaram sendo criminalizados no pós-guerra por muito tempo e só começaram a receber as indenizações de que tinham direito a partir dos anos 2000 em grande parte dos países europeus, décadas depois em comparação aos demais deportados, como os judeus e prisioneiros políticos, por exemplo. Josef Kohout, Pierre Seel e Rudolf Brazda, pouco tempo após suas respectivas libertações, foram em busca de seus direitos, que lhes foram negados, tendo recebido suas compensações somente pouco tempo antes de falecerem. Nas palavras de Josef Kohout:

Solicitei a reparação que me correspondia pelos anos em que passei prisioneiro nos campos, mas a autoridade democrática rejeitou-a; na qualidade de prisioneiro triângulo rosa, de homossexual, havia sido condenado por um delito penal, mesmo nunca tendo feito nada a ninguém, como ocorreu no meu caso. Não se concedem indenizações a ex-prisioneiros enviados a campos de concentração por delitos penais [...] o progresso da humanidade não havia chegado até nós. (HEGER, 2016, p. 155-156)

Quando reclamou sua indenização, que também lhe foi negada, Rudolf Brazda ouviu uma negativa muito incomum: de que não teria direito ao benefício porque “não executara nenhum trabalho braçal que acarretasse uma incapacidade de trabalho suficiente para dar-lhe direito à ajuda financeira” (SCHWAB, J. L.; BRAZDA, R., 2011, p. 170), sendo que em toda

e qualquer indenização por deportação, não era requisito obrigatório que o sobrevivente tivesse sofrido algum dano físico que o incapacitasse de qualquer forma. Neste caso, muito provavelmente, a condenação pelo Parágrafo 175 foi o verdadeiro motivo da recusa à reparação.

Com exceção de Rudolf Brazda, que testemunhou no século XXI, ou seja, numa época já de maiores liberdades e direitos conquistados, Josef Kohout e Pierre Seel encerraram seus relatos de maneira bastante pessimista. Josef, em 1973, afirmou que não acreditava que chegasse a existir, um dia, uma organização internacional pelos direitos dos homossexuais - o que hoje conhecemos como o movimento LGBT. Pierre, após vir a público como sobrevivente homossexual de campo de concentração, foi atacado na rua por jovens que lhe gritaram ofensas homofóbicas. A prefeita de Estrasburgo (que alguns anos depois, tornou-se Ministra da Cultura da França), Catherine Trautmann, recusou-se a apertar sua mão em uma cerimônia de lembrança às vítimas do Holocausto.

Mesmo com todos os obstáculos e os percalços, o silêncio que lhes foi imposto pelo ambiente social, além dos traumas que trouxeram consigo dos campos de extermínio, estes homens, cada qual ao seu tempo e com sua motivação, encontraram forças para falar e lutar. Atualmente já são reconhecidos como vítimas, tendo recebido pedido oficial de desculpas e as indenizações - e homenagens - que lhe são de direito. O que nos conforta hoje em dia é ver este tema cada vez mais debatido e divulgado, apesar das resistências e das limitações, e constatar que toda a luta destes homens por reconhecimento está sendo por fim recompensada. Lamenta-se apenas que infelizmente muitas das vítimas já não fossem mais vivas quando a justiça finalmente foi feita. Pierre Seel, citando o monumento em homenagem aos triângulos rosa em Amsterdã, afirmou, nas considerações finais de seu livro, o desejo de um dia poder ver uma edificação semelhante também na França, o que acabou ocorrendo e em sua homenagem, alguns anos após sua morte.

Fontes:

HEGER, Heinz. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016.

SCHWAB, Jean Luc; BRAZDA, Rudolf. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011.

SEEL, Pierre; BITOUX, Jean Le. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017.

Referências bibliográficas:

AROSA, Guido Vieira e PENNA, João Camillo. Homossexualidade, Testemunho e Cárcere: Pensar o Eu, Pensar o Outro. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 30: Crítica a violência e exclusão, jul.-dez. 2017, p. 13-26. Disponível em <<https://goo.gl/qMEMgC>>. Acesso em 20 de mar. 2018.

JENSEN, E. The Pink Triangle and Political Consciousness: Gays, Lesbians, and the memory of Nazi Persecution. In: *Journal of the History of Sexuality*. Austin: University of Texas Press, 2002, v. 11, n. 1-2, p. 319-349.

LEVI, Primo. *É Isto Um Homem?* São Paulo: Rocco, 1988.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. *Revista Musas*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, n. 4, p. 6-10, 2009.

POLLAK, Michael. “A Gestão de uma identidade indizível”. In: *Os Homossexuais e a Aids*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p. 25-56.

_____. A gestão do indizível. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*. Porto Alegre, v.2, n.1 (jan-jun), 2010.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. El Testimonio. *Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones límite*. Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2006, p. 53-112.

TRAVERSO, Enzo. *O passado: modos de usar – História, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 55-71.